RAMI

Na década de 70, a erradicação dos cafezais contribuiu para a elevação do custo de produção da lavoura. Nos anos 80, a irregularidade na oferta da juta favoreceu o uso do rami pela indústria de aniagem e, com a conseqüente recuperação da atividade, já em 1989 poderá ocorrer superoferta.

O rami, trazido para o Brasil por japoneses, no século passado, tornou-se uma cultura explorada comercialmente por volta de 1950, quando foram instaladas fábricas que permitiram a extração mecânica da fibra. Seu cultivo concentrou-se no norte do **Paraná**, que detém 100% da colheita brasileira.

Da produção total, cerca de 80% constituem-se de fibras cuja principal utilização é o fabrico de fios e tecidos finos, mesclados com outras fibras, mormente as sintéticas. Sacarias e barbantes também são importantes, mas os preços da juta, mais competitivos, têm prejudicado o rami. Os demais 20% destinam-se à alimentação de ruminantes e pequenos animais.

Cerca de 70% da produção da fibra são exportados, principalmente na forma de semi-manufaturados, denominados **tops.**

O mercado interno absorve mais de 20% para a confecção de sacarias e barbantes (fibras piores), destinando-se o restante (fibras melhores) para a fiação e a tecelagem mais fina.

A importância do rami sobressai, por ser uma cultura complementar rentável ao pequeno produtor de lavoura de exportação (algodão, soja e trigo) permitindo a diversificação de sua renda e a melhoria das condições do solo. Seu significado social é amplamente reconhecido, por ser uma atividade de elevado emprego de mão-de-obra.

Trata-se de uma urticácea, que, por se desenvolver muito rapidamente (sessenta dias em média), permite de três a quatro cortes por ano, melhorando a renda do agricultor ao longo do ano-safra. Por isso, a maior parcela da produção advém de pequenos produtores (43% da produção são obtidos por 90% dos produtores cadastrados em 1977), contudo, é elevada a concentração desta atividade junto aos grandes produtores (28% da produção advieram de apenas dois produtores). Este alto índice de concentração da produção é explicado pela estrutura de mercado, onde as poucas indústrias existentes conduzem, em sua maioria, lavouras próprias. O mercado interno possui, então, como característica, uma estrutura oligopsônica e com verticalização na produção: apenas seis empresas, das quais duas respondem por cerca de 60% da capacidade de beneficiamento (descorticagem), sendo que uma delas é subsidiária da **Toyo Seni** japonesa, razão pela qual o **Japão** é o principal mercado externo para o produto brasileiro.

A deficiência das estatísticas referentes ao produto, em nível mundial, impede que se saiba, ao certo, a posição do **Brasil** neste mercado, mas admite-se que depois da **China**, que produz em média 100 mil t/ano, sobressaem as **Filipinas** e o **Brasil** (este com 15 mil t/ano), disputando a segunda colocação. No intercâmbio comercial, a **China** é o principal fornecedor do bloco socialista e o **Brasil** ocupa a primeira posição na exportação aos países capitalistas. Além do **Japão**, o **Brasil** também exporta para a **Coréia do Sul, EUA** e **Itália.**

Atualmente, a maior parte das exportações é do tipo semi-industrializado – os **tops** – matéria-prima para a fiação, vindo substituir a fibra bruta. Com isto, o **Brasil** pode elevar o valor adicionado de suas exporta-



ções, bem como diversificar seu mercado que, até o final da década de 70, era fortemente dependente da demanda japonesa (ver Quadro 05).

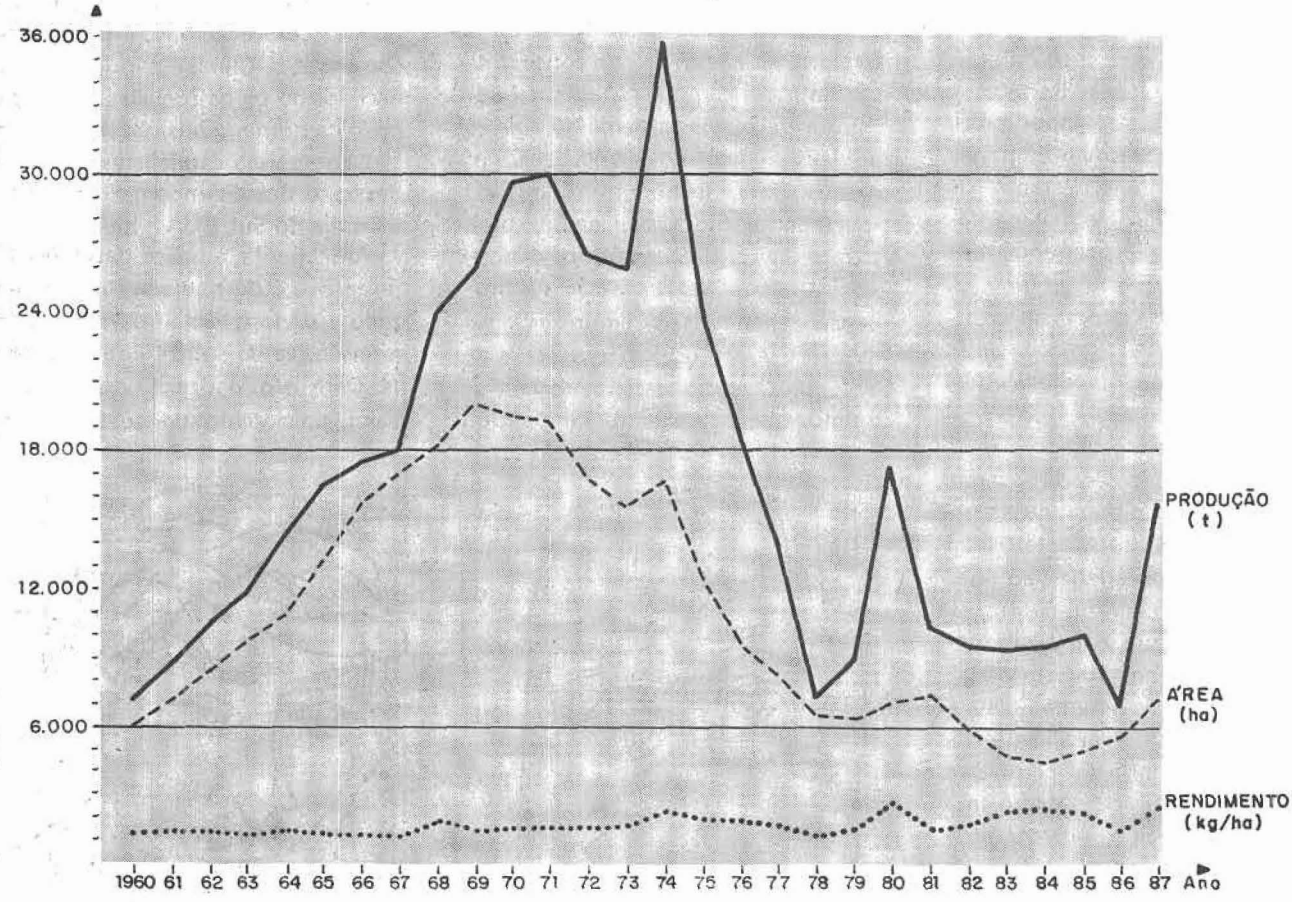
A produção brasileira de rami passou por três fases: até o final da década de 60, a evolução da produção esteve estritamente relacionada ao fornecimento de fibras mais finas para a tecelagem, vindo mesmo a substituir o linho, como fio nobre. Com a erradicação dos cafezais e sua troca por culturas temporárias mecanizadas, houve evasão dos trabalhadores, elevando em demasia o custo de produção do rami. Também o grande índice de perda da produção no processo de beneficiamento, cujas técnicas são ainda bastante artesanais, encareceu o produto, tornando mais competitivas as fibras concorrentes naturais (linho e algodão principalmente). Ao mesmo tempo, a fibra de polipropileno começou a ser usada como substituto sintético mais vantajoso. Estes fatores vieram comprometer o ritmo de crescimento da lavoura, ao longo da década de 70 (ver Gráfico 01). No final dessa déca-

QUADRO 05 – BRASIL – EXPORTAÇÕES DE RAMI PENTEADO (TOPS) 1980 A 1987[1]

ANO	QUANTIDADE (t)	VALOR (US$ mil)	VALOR MÉDIO (US$/kg)
1980	1.861	6.416,3	3,44
1981	1.579	5.511,2	3,49
1982	1.864	6.769,7	3,63
1983	2.590	9.001,0	3,47
1984	3.533	13.565,1	3,84
1985	2.498	9.548,0	3,93
1986	2.075	7.942,6	3,83
1987	1.545	6.472,2	4,19

FONTE – Cacex.
[1] Até agosto.

GRÁFICO 01 – BRASIL – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO DE RAMI – 1960-87



FONTE – IBGE.



da, a irregularidade na oferta de juta foi fator favorável a certa retomada no crescimento do rami, cuja produção voltou-se mais para a indústria de aniagem.

Mais recentemente, a demanda pelo segmento externo de **tops** tecidos e fios vem impulsionando a produção de rami, utilizado em mesclagem com as fibras sintéticas, atualmente mais caras.

Há duas safras (em 1985/86) detectou-se grande redução na produção de rami, o que acarretou forte elevação nos preços de mercado. Este estímulo provocou uma elevação na área de 28,4% e de 72,4% no rendimento físico da safra 1986/87. Apesar de a estimativa de suprimento mostrar-se elevada, o mercado vem absorvendo quantidade suficiente para impedir a intervenção do governo via **AGF** (como as poucas empresas existentes de beneficiamento/exportação trabalham também verticalmente, torna-se mais fácil, geralmente, **amortecer** a queda de preços em anos de maior produção) (ver Quadro 06). Para 1988, os prognósticos apontam uma safra semelhante à de 1986/87, com preços gravitando próximo ao preço mínimo (Cz$ 36,83/kg relativos a **OTN** de fevereiro).

Em 1989, porém, é possível que ocorra uma situação de superoferta, pois, sendo uma cultura perene, os reflexos sobre a produção da área incorporada à safra 1986/87, far-se-ão sentir naquele ano. Sendo o mercado externo o principal canal para o escoamento da produção, a forte, ainda que menor, dependência do mercado japonês deixa a oferta brasileira em posição vulnerável, mesmo porque países como as **Filipinas, China, Indonésia** e **Vietnã do Norte** possuem em qualidade de semi-manufaturados (**tops**) melhor poder de competitividade.



Inês Tereza Lyra Gaspar da Costa,
Economista

QUADRO 06 – BRASIL – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DA FIBRA BRUTA DE RAMI 1981/82 A 1986/87 – (em t)

DISCRIMINAÇÃO	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85	1985/86	1986/87
Estoque Inicial	12.090	10.035	6.291	4.212	3.390	1.690
Produção	8.000	8.000	9.500	9.600	6.100	15.500
Suprimento	20.090	18.035	15.791	13.812	9.490	17.190
Consumo	10.000	11.500	11.500	10.400	7.800	13.500
Exportação	55	244	79	22	–	–
Estoque Final	10.035	6.291	4.212	3.390	1.690	3.690

FONTE – CFP.